

Mercados Cotação da moeda alcança maior patamar em seis meses diante de aversão a risco global

Dólar vai a R\$ 5,15 em meio à alta dos juros nos EUA

Gabriel Roca, Arthur Cagliari, Matheus Prado e Eduardo Magossi De São Paulo

A pressão ininterrupta nos rendimentos dos títulos do Tesouro americano voltou a disparar um movimento de forte aversão a risco nos mercados globais e levou os ativos brasileiros a um novo dia de perdas expressivas. Diante da piora acelerada do cenário externo, a desconfiança dos agentes com as questões fiscais do país também é apontada como um fator adicional de preocupação no mercado local e, assim, o dólar retomou o patamar dos R\$ 5,15, o maior nível em seis meses. Enquanto isso, os juros futuros já operam acima dos 11% em todos os vencimentos.

O aperto monetário e o recuo do Federal Reserve (Fed, banco central americano) no mercado de títulos públicos têm mantido os Treasuries sob pressão. Esse ciclo foi novamente alimentado ontem por sinais de que o mercado de trabalho dos EUA permanece apertado, reforçando a percepção

de que as taxas de juros vão permanecer altas por muito tempo. Com isso, os rendimentos dos títulos do Tesouro americano voltaram a disparar, alcançando máximas não observadas desde 2007 — foi o caso da T-note de dez anos, que saltou de 4,687% para 4,804%. A taxa da T-note de dois anos subiu de 5,112% a 5,184%.

A escalada nas taxas dos títulos americanos, por sua vez, pesou sobre os ativos de risco ao redor do mundo. Nas bolsas de Nova York, o índice Dow Jones caiu 1,29%, enquanto o S&P 500 recuou 1,37% e o Nasdaq registrou queda de 1,87%. Já o Ibovespa recuou 1,42%, fechando o dia aos 113.419 pontos.

No Brasil, a pressão vinda do exterior fez o dólar romper uma bar-

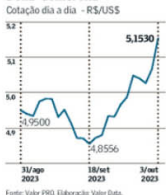
reira psicológica importante, dos R\$ 5,10. Operadores relatam que o fato contribuiu para o acionamento de mecanismos de "stop-loss" (encerramento forçado de posições), o que intensificou a dinâmica negativa do câmbio.

O dólar comercial fechou a sessão em alta de 1,71%, negociado a R\$ 5,1530, no maior patamar da moeda desde o dia 28 de março. O real teve o pior desempenho das 33 moedas mais líquidas acompanhadas pelo Valor.

Diante do ambiente global adverso, o economista-chefe do BV, Roberto Padovani, mantém projeções mais cautelosas para a inflação e para o câmbio no fim do ano em comparação com o restante do mercado. Ele vê espaço adicional para a valorização do dólar.

O quadro fiscal doméstico também reforça o ambiente de aversão a risco. "Há dúvidas persistentes sobre a capacidade de o governo alcançar as metas de resultado primário, o que implica uma dinâmica de dívida pública preocupante. De fato, os resultados mensais confirmam essa

Dólar Comercial
Cotação dia a dia - R\$/US\$



Fonte: Valor PRO. Elaboração: Valor Data.

preocupação ao indicar alta das despesas e queda das receitas em termos reais", diz Padovani.

Apesar disso, o economista avalia que os níveis elevados dos juros reais vigentes na economia brasileira devem permitir uma flexibilização gradual da taxa Selic, mesmo sem alterar o viés contracionista da política monetária. "Em conjunto com a pressão nos juros internacionais, este cenário deverá reforçar novas pressões cambiais, justificando a manutenção de uma

projeção de câmbio a R\$ 5,30 e IPCA em 5,2% no fim do ano", afirma.

De acordo com o diretor de investimentos da Kairós, Fabiano Godoi, o cenário externo é o maior responsável pela dinâmica negativa dos ativos locais, mas componentes domésticos também vêm pressionando a moeda brasileira. "Em março, tiramos o bode do fiscal da sala com o novo marco e passamos a viver uma lua de mel, com o governo colhendo algumas vitórias no Congresso. Tudo isso em meio a um cenário externo bastante favorável, com o Fed salvando alguns bancos", diz.

"De repente, as coisas começam a azedar lá fora e ao mesmo tempo, passado o recesso parlamentar, começamos a ver uma extrema dificuldade do governo em conseguir aprovar medidas do seu interesse, em especial as relacionadas ao aumento de arrecadação."

Para Godoi, é natural que a alta dos juros americanos, que tem impacto no mundo todo, seja sentida no Brasil. "Se, além disso, não fizer a sua parte, acaba sofrendo um pouco mais", diz.

A piora rápida do cenário global tem feito com que agentes vejam

cada vez menos espaço para o Banco Central aprofundar seu ciclo de afrouxamento monetário no Brasil. De acordo com a precificação extraída do mercado de juros ontem, o mercado já vê a Selic entre 10,5% e 10,75% ao ano no fim de 2024. Passaram a crescer as apostas em torno da redução do ritmo de cortes. Segundo o mercado de opções digitais de Copom para a reunião de dezembro, a probabilidade de redução de 0,25 ponto percentual na última decisão de 2023 subiu de 4% para 9% ontem.

"Você tem um corte de 0,5% bem estabelecido para o próximo Copom, mas para as próximas reuniões o mercado já não tem tanta clareza. Ainda é nosso cenário-base que o BC tem espaço para cortar os juros para algo em torno de 9,5%. Mas parece um ciclo mais lento. Aquela euforia de acelerar o ritmo de cortes fica distante", afirma o estrategista de renda fixa da BGC Liquidez, Daniel Leal.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Cotidiano **Caderno:** C **Página:** 1